

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Mariana Lima Knecht

**VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS KAINGANG
NUMA ESCOLA DE FOG**

Porto Alegre
1º Semestre
2015

Mariana Lima Knecht

**VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS KAINGANG
NUMA ESCOLA FOG***

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Bergamaschi

* *Fog* é como os Kaingang denominam as pessoas e as coisas do mundo não kaingang em sua língua originária

Porto Alegre

1º Semestre

2015

Às crianças Kaingang
da Escola Estadual Manoel Bandeira.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero agradecer:

A minha Mãe, que com muito amor sempre me apoiou e me incentivou, doando todas suas energias para estar por perto, obrigada por todo amor e cuidado dedicado a mim e a Bela;

Ao meu parceiro, Fernando e minha filha Bela que são as pessoas com quem amo partilhar a vida, obrigada pelo carinho, amor, paciência e capacidade de me trazerem paz e alegria todos os dias;

Aos meus irmãos, por estarem sempre tão perto, mesmo estando tão longe. Obrigada por cuidarem de mim, amo vocês.

A minhas amigas Daniele, Fernanda, que compartilharam muitos momentos importantes ao longo do curso, obrigada pela amizade;

A minha querida amiga Renata, que esteve ao meu lado todos os dias da fase mais linda da minha vida, minha gestação. Obrigada pelo carinho, regado de muitas risadas daquele semestre;

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Faculdade de Educação, que me proporcionou um ensino de qualidade;

Ao Povo Kaingang da Aldeia Foxá e em especial às crianças, que tornaram possível a realização deste trabalho;

À Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Bandeira, sua direção e corpo docente por receber minha proposta, me proporcionando muitos aprendizados;

E principalmente àquela que me acolheu de braços abertos, me conduzindo pelos caminhos da pesquisa com paciência, sabedoria e entusiasmo: minha professora orientadora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi, que me dedicou seu tempo e compartilhou sua experiência. Obrigada pela incansável e carinhosa dedicação.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre educação indígena, com o foco nas crianças Kaingang da Terra Indígena Foxá, Lajeado, RS, que frequentam o 3º e 4º ano de uma escola estadual não-indígena, localizada próxima à aldeia. As questões que guiaram este estudo foram: quem são as crianças indígenas que frequentam aquela escola? Quais os pontos de encontro e quais as diferenças que aparecem na convivência entre as crianças indígenas e não-indígenas? Como as crianças indígenas percebem e vivenciam essa escola? Como é o cotidiano das crianças na escola? Ancoradas na principal pergunta: **Como é a vivência de crianças Kaingang em uma escola não indígena da rede estadual da cidade de Lajeado, RS?** Para responder esses questionamentos foi necessário ter um conhecimento prévio do Povo Kaingang, sua história, sua cultura e, principalmente, como percebem a educação. Para tanto, foi preciso estar presente na convivência escolar dessas crianças, acompanhando no cotidiano, como vivenciam a escola. Também visitei a Terra Indígena Foxá, para conhecer melhor as crianças, conversar com as lideranças e compreender o modo de vida daquele coletivo Kaingang. Realizei registros no diário de campo, fotografei e anotei informações obtidas na escola e na aldeia. O trabalho de campo e as análises realizadas a partir dele possibilitaram um entendimento sobre como as crianças Kaingang vivenciam a escola e como se relacionam com as crianças não-indígenas. Os dados obtidos apontaram que entre as crianças indígenas e as crianças não-indígenas há uma convivência de aceitação e que enquanto as lideranças e famílias da Aldeia Foxá não tem acesso a uma escola indígena, específica e diferenciada, a Escola Estadual Manoel Bandeira é a instituição que escolheram para suas crianças.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Crianças Kaingang. Aldeia Foxá.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Imagem satélite do trajeto entre a Aldeia Foxá e a Escola Manoel Bandeira.	16
Figura 2 : Localização do Acampamento dos Kaingang em Lajeado-RS.....	21
Figura 3 : Imagem satélite da Aldeia Foxá.	22
Figura 4 : Imagem da Aldeia Foxá, localizada em Lajeado-RS. Fonte: Registro de Knecht (2015).....	23
Figura 5 : Entrada da Aldeia Foxá, local de venda dos artesanatos, na beira da RS 130.	24
Figura 6 : Fachada da Escola Manoel Bandeira, localizada em Lajeado-RS.....	25
Figura 7 : Praça da Escola. Fonte: Registro de Knecht (2015).	26
Figura 8 : Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).	26
Figura 9 : Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).	27
Figura 10 : Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).	27
Figura 11: Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).	28
Figura 12 : Pé de mamão da Escola da Escola Manoel Bandeira.....	29

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
1 O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INDÍGENA E O POVO KAINGANG.....	09
2 DELINEANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	12
3 POVO KAINGANG.....	17
3.1 Educação escolar indígena – um breve histórico.....	17
3.2 Educação para os Kaingang	19
4 CRIANÇAS KAINGANG E UMA ESCOLA FOG	20
4.1 Aldeia Foxá – uma conquista.....	20
4.2 A escola que escolhemos?.....	24
4.3 Crianças x escola – esboçando análises	30
CONSIDERAÇÕES.....	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICES	39
ANEXOS	43

APRESENTAÇÃO

Este texto apresenta o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia. Nele é abordada a temática indígena, com foco na educação e nas crianças kaingang que residem na Terra Indígena *Foxá*¹, no bairro Jardim do Cedro, município de Lajeado/RS e estudam em uma escola da rede pública estadual desta cidade.

O trabalho está ancorado em algumas questões, que buscam compreender: quem são as crianças indígenas que frequentam aquela escola? Quais os pontos de encontro e quais as diferenças que aparecem na convivência entre as crianças indígenas e não-indígenas? Como as crianças indígenas percebem e vivenciam essa escola? Como é o cotidiano das crianças na escola? A partir desses questionamentos a pesquisa esta ancorada nessa pergunta principal: **Como é a vivência de crianças Kaingang em uma escola não indígena da rede estadual da cidade de Lajeado, RS?**

Os objetivos da pesquisa são:

- Compreender as interações entre as crianças indígenas e não indígenas, nos primeiros anos de ensino fundamental de uma escola pública.
- Identificar como as crianças Kaingang vivenciam a escola no seu cotidiano.
- Descrever o povo Kaingang da Terra Indígena Foxá (Lajeado, RS) e como significam a escola.

Na primeira sessão, será descrita minha trajetória em encontro à temática indígena e ao povo indígena Kaingang. Em seguida, apresento como se deu a pesquisa, assinalando os procedimentos metodológicos utilizados.

Na terceira sessão faço um breve histórico da educação escolar entre os kaingang e suas características a cerca da escola. Logo após, respectivamente, discorro sobre o povo indígena Kaingang do município de Lajeado e a escola frequentada pelas crianças.

Por fim, apresento algumas considerações sobre o tema, considerando os achados na pesquisa de campo, realizada na escola e na aldeia.

¹ Fó (cedro) e Sá (aqui). Aqui no Cedro: Fó Sá. Os moradores da aldeia escrevem Fo-xá. (GONÇALVES, 2011, p. 13)

1 O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO INDÍGENA E O POVO KAINGANG

Ao iniciar o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, minha visão sobre essa graduação era restrita ao estudo e trabalho com crianças. Porém, já no primeiro semestre me deparei com outras possibilidades riquíssimas e, umas delas, que marcou toda caminhada de estudos que viria a percorrer na universidade, foi a disciplina de História da Educação na Europa e nas Américas², ministrada pela Prof^a. Maria Aparecida Bergamaschi. Foi nessas aulas que a Educação Indígena e a temática dos Povos Indígenas atravessou meu caminho, despertando a curiosidade de conhecer mais acerca destes povos. Sempre que a professora nos contava sobre suas pesquisas, principalmente com o Povo Guarani, me recordava dos “Bugres”³ que acampavam as margens da rodovia de Lajeado/RS.

No terceiro semestre 2012/2 tive o privilégio de ser convidada para a Monitoria Acadêmica de Acompanhamento ao Estudante Indígena⁴ de duas alunas Kaingang, ingressantes no Curso de Pedagogia. Minhas atribuições era auxiliá-las nas diferentes demandas da universidade, desde apresentar os espaços físicos da universidade a realizar leituras e discussões de textos para as aulas. Antes de iniciar essa tarefa, pensava o quanto eu podia ajuda-las e ensiná-las sobre as disciplinas que já havia cursado e fui desbancada já no primeiro encontro.

Cheguei cheia de ideias, pressa e regras e as duas, com toda simplicidade e tranquilidade, não queriam saber nada dos conteúdos da Pedagogia naquele momento, queriam apenas conhecer com quem estariam nos próximos dias. Nossas tardes eram repletas de aprendizados que iam além dos conhecimentos

² Disciplina obrigatória no primeiro semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Até hoje as pessoas kaingang são denominados bugres pela maior parte das pessoas não-indígenas que vivem na região. Essa é uma denominação depreciativa e, segundo Gilberto Freyre refere-se ao nome dado pelos portugueses aos indígenas do Brasil, com significado associado a incredulidade ou heresia, alguém pecador para os cristãos (FREYRE, 1993).

⁴ A referida monitoria foi estabelecida na UFRGS a partir da regulamentação da política afirmativa que possibilita, desde 2008, o ingresso e a permanência de estudantes indígenas em cursos de graduação. Uma das ações de permanência é a monitoria para acompanhar e auxiliar os estudantes indígenas nas atividades acadêmicas em seus primeiros semestres de estudo.

acadêmicos. Algumas vezes ia para casa com um enorme vazio, pois me dava uma angústia por não compreender algumas situações cotidianas que elas vivenciavam.

A partir destas inquietações, comecei a frequentar cursos, seminários e palestras que tinham os Povos Indígenas como foco, não apenas no campo da educação, pois para compreender algumas situações, temas que tratavam da saúde e políticas públicas indígenas também me proporcionavam entendimento.

Ao cursar a disciplina eletiva Povos Indígenas, Educação e Escola, também ministrada pela Prof^a Maria Aparecida Bergamaschi, tive a oportunidade de conhecer Dorvalino, um professor Kaingang, que na época também era estudante de Pedagogia. Além de sua participação, que enriqueceu muito as aulas, conheci sua família, na Aldeia Kaingang Por Fi, localizada em São Leopoldo. A saída de campo foi organizada pela turma, passamos uma tarde com os kaingang, conhecemos a escola da aldeia, o preparo de algumas comidas típicas da cultura kaingang e os artesanatos produzidos pelos moradores da aldeia. Esta visita me proporcionou uma vivência com tudo aquilo que vinha escutando e estudando a algum tempo e o mundo kaingang me foi apresentado. Efetivamente, àqueles “bugres” que acampavam nas margens da rodovia se tornaram ainda mais visíveis para mim: **era o povo kaingang.**

A partir daquele momento procurei saber sobre esse povo que vive na minha cidade de origem: quem é aquele povo? Há quanto tempo estão ali? Por que escolheram aquele lugar? As crianças estudam? Onde? E foram muitas as perguntas. Descobri então, que a Univates⁵, já fazia um trabalho com aquela comunidade e esses estudos realizados por eles me ajudaram a saber mais sobre aquelas pessoas.

Foram muitos os aprendizados, vivências, leituras que pude aprofundar nos anos de 2013-2014, ao participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é um Projeto do Ministério da Educação, concebido e financiado pela CAPES⁶, o qual tem como principal objetivo, incentivar à formação de professores para a educação básica e a elevação da qualidade da escola pública. Os planejamentos e as práticas realizadas no PIBID abordavam a temática indígena,

⁵ A Univates é um importante Centro Universitário que atende a região do Vale do Taquari, localizado na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul.

⁶ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

com foco nos povos que habitam o Rio Grande do Sul – Charrua Guarani e Kaingang. Com o grupo de colegas bolsistas deste programa, coordenado por professoras da Pedagogia, desenvolvemos atividades para aprofundar o conhecimento sobre estes povos e construir propostas didático pedagógicas e abordar o tema nas escolas públicas parceiras do PIBID.

Então, com a orientação das professoras Dóris Bitterncourt Almeida, Maria Bernadette Rodrigues e Rosângela de Fátima Rodrigues Soares, nos foi oportunizado muitas leituras e reflexões sobre o tema, fazendo com que o grupo se apropriasse da história e da cultura de alguns povos indígenas do Brasil. Realizamos saídas de campo, onde nos foi propiciada a convivência respeitosa e fecunda em conhecimentos com pessoas Kaingang e Guarani. E foram essas aprendizagens que fundamentaram a elaboração das propostas didáticas acima citadas.

Tudo isso foi agregado a minha formação e compuseram os saberes que me conduziram durante minha trajetória no Curso de Pedagogia, me aproximaram da Educação Indígena e me levaram a optar por aprofundar esses conhecimentos no Trabalho de Conclusão de Curso, balizada pela seguinte questão: **Como é a vivência de crianças Kaingang em uma escola não indígena da rede estadual da cidade de Lajeado, RS?**

2 DELINEANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como já relatado, o interesse em estudar a Educação Indígena surgiu no início da graduação em Pedagogia e, mais tarde, direcionando o olhar para o Povo Kaingang, depois de conhecer a Terra Indígena Por Fi, São Leopoldo/RS. Nesta comunidade há uma Escola Indígena, que atende seus alunos de forma específica e diversificada, com um professor Kaingang. Também conheci a Terra Indígena Foxá, Lajeado/RS, que não tem uma escola na aldeia, o que faz com que os alunos se desloquem até uma Escola Estadual em outro bairro da cidade.

As duas diferentes situações me fizeram pensar e questionar sobre as vivências das crianças que estudam em uma escola não-indígena, fora da aldeia: quem são as crianças indígenas que frequentam aquela escola? Quais os pontos de encontro e quais as diferenças que aparecem na convivência entre as crianças indígenas e não-indígenas? Como as crianças indígenas percebem e vivenciam essa escola? Como é o cotidiano das crianças na escola? Para conseguir responder estas questões, antes mesmo de iniciar o Trabalho de Conclusão de Curso, troquei e-mail e conversas com a minha orientadora, que me ajudou a delimitar minhas perguntas e como poderia buscar as respostas, chegando então a questão principal: **Como é a vivência de crianças Kaingang em uma escola não-indígena da rede estadual da cidade de Lajeado, RS?**

Nesse caminho, fiz um levantamento das produções acadêmicas já realizadas e que dialogam em direções similares à proposta de meu trabalho. Kátia Simone Müller Dickel (2013) refere em sua dissertação de mestrado **Experiências Interculturais: estudantes kaingang numa escola não indígena**, os possíveis (des)encontros⁷ entre estudantes Kaingang e a comunidade de uma escola estadual não indígena, situada na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Vinculada a tais noções Lylian Mares Cândido Gonçalves (2011) em sua monografia **Crianças Indígenas Kaingang em uma escola não-indígena: um estudo de caso envolvendo a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Bandeira, em Lajeado/RS** apresenta o processo escolar das crianças indígenas kaingang, da aldeia Foxá, de Lajeado/RS em uma escola estadual não-indígena.

⁷ A referida autora usa essa expressão em vários momentos na sua dissertação.

Chegou então o momento de ir a campo para realizar a pesquisa. Após algumas leituras e sugestões dos professores, iniciei as visitas à escola e à aldeia, pois a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, a que me propus realizar, sugere a aproximação com o sujeito da pesquisa, com o ambiente e a situação investigada. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Dessa forma, para realizar o trabalho de campo utilizei os seguintes elementos metodológicos: a escrita no **Diário de campo** (DC), que, conforme as palavras de Bergamaschi (2005, p. 48), o “Diário de Campo traduz uma memória inscrita no papel: um acessório principal de reflexão”. No processo de ir e vir na escola e na aldeia o DC é um apoio, pois se não fossem realizadas anotações, seria impossível lembrar-se de tudo, em vários momentos anotava apenas uma palavra, que mais tarde, ao lê-la teria a possibilidade de evocar a cena que presenciei ou a conversa que escutei. E a **Observação Participante**, que de acordo com Oliveira (2009, p.8) “os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam”.

Para relatar e escrever as vivências de crianças indígenas em uma escola não-indígena, fez-se necessário prestar atenção nos olhares, nos gestos, nas interações, nas palavras, nos toques e em tudo que indicasse pistas para que eu pudesse responder meus questionamentos. Para isso, estive na Terra Indígena Foxá observando o modo de vida Kaingang, conversando com as lideranças e demais moradores da aldeia e na Escola Estadual que as crianças estudam. No início pensei em fazer algumas entrevistas com as crianças, mas ao conhecê-las, nas primeiras observações na escola e ao estar na aldeia, percebi que seria muito invasivo e que eu teria um retorno mais espontâneo e agradável apenas observando e dialogando com elas.

Na Escola Estadual há alunos indígenas nos dois turnos (manhã e tarde), nos anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Porém, decidi acompanhar o grupo de crianças do turno da tarde, mais especificamente do 3º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Mesmo assim, tinha o contato com todas as crianças na hora do recreio, pois se reuniam para brincar, juntamente com os alunos não-indígenas.

O meu primeiro contato com a escola foi por telefone: identifiquei-me como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e

resumidamente falei sobre da pretensão de realizar uma pesquisa envolvendo os alunos indígenas na escola, para o meu trabalho de conclusão de curso. Prontamente a diretora se dispôs a ajudar no que fosse preciso e marquei uma visita para a semana seguinte. No entanto, era fundamental que eu tivesse o consentimento dos membros da aldeia que as crianças viviam, por isso antes de ir à escola, fui até a aldeia e conversei com o Cacique que acolheu minha proposta.

A conversa que tive com o Cacique foi muito boa e incentivadora. Ele escutou pacientemente eu contar sobre minha trajetória na universidade envolvendo os Povos Indígenas. Inicialmente demonstrou um pouco de receio, inclusive comentou que era por que muitos interpretavam equivocadamente algumas coisas que eles falavam, publicando "não verdades" como ele disse, se referindo a uma publicação feita no Jornal Informativo⁸. Após essa longa conversa lhe contei sobre as meninas que acompanhei na monitoria⁹ e ele conhecia suas famílias, percebi uma aproximação quando falamos disso, ele ficou mais à vontade, me ofereceu seu chimarrão (até este momento ele estava cevando e tomando sem me oferecer). Contou-me sobre a relação que possui com a escola, que às vezes torna-se conflituosa e sobre os movimentos da aldeia em busca de uma Escola Indígena. (Diário de Campo, 07/03/2015).

Na semana seguinte fui até a escola. Chegando lá fui recepcionada pela vice-diretora que já estava ciente que eu iria, pois a diretora não está na escola na sexta-feira à tarde. Percebi um pouco de receio em relação a minha pesquisa na escola, o que me deixou surpresa, mas após conversar com ela, entendi que era por zelo aos alunos. Percebi que ela achava indispensável que eu falasse com o Cacique e mesmo eu dizendo que havia pedido o consentimento dele, a vice-diretora demonstrava preocupação e pediu uma autorização. Registrei minha apreensão no Diário de Campo (13/03/2015)

Nessa primeira visita à escola, apenas conversei com a vice-diretora, que não demonstrou estar de acordo com o que eu estava disposta a fazer. Percebendo sua insegurança, lhe disse que na próxima visita levaria o Projeto de Pesquisa e uma Carta de Apresentação. Estou preocupada, acho que a escola mudou de ideia e não vai deixar que eu observe as crianças.

⁸ O Jornal Informativo do Vale, fundado em 1970 é o maior jornal do vale do Taquari.

⁹ Refiro aqui as estudantes kaingang do curso de Pedagogia da UFRGS.

Fui novamente conversar com o Cacique. Pedi a ele que, se possível, assinasse uma autorização (escrita por mim ou por ele), pois a escola precisava estar ciente de que ele concordava com a pesquisa que eu tinha interesse de realizar. Ele achou desnecessário e disse que era para eu comunica-las que ele estava de acordo e se elas não aceitassem era para ligar para ele. Nesse momento presenciei algo que tanto ouvia sobre os Povos Indígenas, a importância da oralidade. Para o Cacique, um documento não dizia mais que o acordo feito em um diálogo. “Conforme a observação de Bergamaschi (2005; p. 147), ‘a oralidade expressa a dinâmica de algo que está constantemente se refazendo, se reatualizando”, então, acredito que o documento era pouco para expressar a concordância dele com meu trabalho.

Retornei à escola munida então de documentos (Carta de Apresentação - modelo anexo - e Projeto de Pesquisa). A vice-diretora foi muito receptiva desta vez, apresentou as professoras das turmas que optei por observar e permitiu que eu ficasse na escola para acompanhá-las, já nessa tarde. Combinamos que eu estaria na escola nas sextas-feiras. Apesar da concordância da escola, não foi possível realizar a observação, pois os alunos indígenas não estavam na escola naquele dia. A professora relatou que naquele dia o ônibus não havia buscado as crianças, já que estava programado um piquenique e como o tempo não estava bom foi cancelado

As crianças indígenas vão à escola de ônibus, que é cedido pela Prefeitura Municipal de Lajeado. Segundo as professoras, quando a aldeia foi para o Jardim do Cedro, os alunos não tinham como ir para a escola pela longa distância e foi com muita insistência e luta que o antigo Cacique Francisco obteve o direito de ter um ônibus que levasse e buscasse as crianças na escola. (Diário de Campo, 10/04/2015).

A seguir, pode-se visualizar o caminho percorrido pelas crianças todos os dias para irem à escola, devido a longa distância fez-se necessário ter um meio de transporte que garantisse segurança.



Figura 1- Imagem satélite do trajeto entre a Aldeia Foxá e a Escola Manoel Bandeira.
Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, acesso em: 12/06/2015.

Passei a frequentar a escola semanalmente, observando as aulas na sala, a Educação Física e Hora do Brinquedo no pátio, o lanche, a hora do recreio, sempre interagindo e conversando com as crianças e com as professoras. Busquei registrar no Diário de Campo todas as cenas que presenciei nos diferentes ambientes da escola e fotografei algumas para ilustrar o que escrevo no trabalho.

De posse do material, foi a vez de organizar e analisar esses dados. Escolhi trechos do Diário de Campo; falas significativas, informações que fui registrando. Fiz dialogar os dados produzidos nesse tempo de convivência na escola e na aldeia Foxá com autores que ajudassem a responder meus questionamentos referentes ao povo Kaingang, à educação indígena kaingang e às vivências das crianças Kaingang em uma escola não indígena.

Assim se compõem a narrativa desse Trabalho de Conclusão de Curso.

3 POVO KAINGANG

Os Kaingang estão entre as maiores populações indígenas do Brasil. Pertencem à família Jê do tronco linguístico Macro-jê e, juntamente com os Xoklens, compõem o grupo de sociedades indígenas jê meridionais (SILVA, 2008). De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estão concentrados em Terras Indígenas (TI)¹⁰, localizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Tendo em vista que as TI demarcadas pela FUNAI não abrangem todas as aldeias kaingang do Sul do Brasil, muitos grupos acampam à beira de rodovias e outros vivem nas cidades.

O artesanato (cestos e balaios de taquara ou cipós, colares de sementes, arcos e flechas, entre outros) é a principal fonte de renda dos kaingang. Nas aldeias à beira da estrada, os artesanatos são expostos para venda, as peças também são vendidas nos centros urbanos.

3.1 Educação escolar indígena – um breve histórico

A Constituição Federal de 1988 (BRASIL,1988) assegurou direitos importantes para as sociedades indígenas, por se tratar de povos que necessitam uma atenção diferenciada. No Art. 231, “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições [...]” e o Art. 210. § 2º garante para às comunidades indígenas “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. Ou seja, os Povos indígenas têm, a partir da Constituição Federal de 1988, o direito a uma educação que atenda suas especificidades e que valorize seus processos de aprendizagem. Nas palavras de

¹⁰ Terra Indígena (TI) é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada. (FUNAI, 2015)

Bonin (2008, p.98) utilização de **processos próprios de aprendizagem** dos povos indígenas quando se trata de educação escolar quer dizer que:

[...] a escola terá que ser recriada em cada localidade, pois somente poderá levar em conta as maneiras próprias de educar se for incorporada e transformada pelas pedagogias indígenas. Não se trata de adequar aspectos periféricos, mas de transformar substancialmente sua estrutura, seu funcionamento, seus conteúdos e prioridades. E não existe uma "educação indígena" única, genérica, aplicável em qualquer contexto. As maneiras de educar são distintas, como são também as culturas indígenas e é para essa diferença que a instituição escolar precisa se abrir.

Nessa mesma direção, Gonçalves (2011, p.39) considera que "respeitar a cultura e o tempo das comunidades indígenas é fundamental para que se crie uma escola verdadeiramente específica e diferenciada dentro das aldeias". Para isso é importante que a escola valorize as práticas e os saberes indígenas, levando em conta seus processos próprios e métodos de ensino aprendizagem.

Ainda que haja leis que favoreçam as populações indígenas e que reconheçam a necessidade de uma educação específica e de qualidade, ainda há muito a ser melhorado. Muitos indígenas possuem legalmente uma Escola Indígena em seu território, entretanto, na prática não ocorre um ensino diferenciado por diversos motivos, como por exemplo: falta de professor capacitado, de espaço físico e/ou materiais didáticos. Daí, a necessidade das crianças frequentarem instituições fora das Terras Indígenas e se depararem com a desafios que dizem respeito a sociedade ocidental que estão inseridas.

Nesse sentido, Bergamaschi (2012) aponta que os povos indígenas, mostram-se à frente de diversos movimentos com as sociedades não indígenas, a fim de deixar claro que não desejam um processo escolar intercultural apenas para a população indígena e para suas escolas, mas sim que ocorram mudanças também na educação escolar da nossa sociedade, almejando que as escolas apresentem e resignifiquem suas histórias e culturas.

3.2 Educação para os Kaingang

Para os Kaingang, o processo educativo das crianças acontece na coletividade, principalmente através da reciprocidade. Elas não aprendem apenas com seus pais, mas com todos que vivem na comunidade. Cito um registro de meu Diário de Campo para evidenciar essa prática:

A professora da turma contou-me que se preocupa muito com uma situação que ocorre com seus alunos, em especial com um deles. Ela mostrou-me o caderno de uma das crianças Kaingang, relatando que diversas vezes o aluno vem com a lição de casa completa, mas que, segundo ela, ele não conseguiria fazer sozinho. Então a profe chamou a irmã mais velha de seu aluno e perguntou se ela que realizava a tarefa de casa do irmão, mas a menina afirmou que apenas auxilia o irmão em casa, que sempre faz a tarefa com ele e procura ajuda-lo. (Diário de Campo 10/04/2015),

Faz parte da educação Kaingang as aprendizagens adquiridas no cotidiano da aldeia, com seus pares, na preparação de alimentos, na confecção de artesanatos, na escuta dos mais velhos e no cuidado com o outro.

[...] podemos constatar que a educação Kaingang se dá no coletivo e todos aprendem juntos. Na educação tradicional indígena, um aspecto importante é a socialização do contato estabelecido entre os membros da comunidade, a qual pertencem, pois é nesse espaço que a criança constrói as suas relações. (SALES, 2013, p.146)

Os povos indígenas preocupam-se em preservar as tradições culturais, que são adquiridos através das vivências, experiências e principalmente pela oralidade. Como ensina Ferreira, “as crianças vivem no meio dos adultos observando o trabalho, imitando alguns de seus atos, praticando brincadeiras que contribuem com seu desenvolvimento cognitivo”. (FERREIRA, 2012, p.37)

4 CRIANÇAS KAINGANG E UMA ESCOLA FOG

A educação das crianças Kaingang acontece no dia a dia. Na convivência com os membros da comunidade a que pertencem, na observação e na escuta as crianças estão em constante aprendizado. Porém, para as pessoas Kaingang da Aldeia Foxá a inserção das crianças na Escola Manoel Bandeira foi importante, pois por estarem vivendo em um centro urbano e muitos moradores precisarem trabalhar fora da aldeia, fez-se necessário adquirir conhecimentos não indígenas, como aprender a Língua Portuguesa.

Uma preocupação constante é que as crianças não deixem de falar a língua materna – o Kaingang. Para isso, além de frequentarem uma escola *fog*, eles têm aulas da cultura Kaingang na escola da Aldeia¹¹, quando ocorrem, as aulas são ministradas por um professor Kaingang.

4.1 Aldeia Foxá – uma conquista

As áreas demarcadas para os Povos Indígenas no Rio Grande do Sul são reduzidas e, por isso, tornam-se necessário que algumas famílias faça o movimento de sair de suas terras demarcadas ou dos aldeamentos em busca dos centros urbanos. Em geral, buscam espaços onde possam ter melhores condições de conservar seus costumes e comercializar seus artesanatos, conforme explica Rosa (2008, p.46): “tendo em vista essa situação, muitos Kaingang e Guarani habitam em acampamentos na beira de rodovias, em áreas de preservação ambiental, na periferia de médias e grandes cidades da região”.

Foi nesse contexto que se formou a aldeia Foxá, há aproximadamente 13 anos: pessoas Kaingang, a maior parte oriunda da Terra Indígena Nonoai/RS, acamparam inicialmente às margens da RS 130, próxima à estação rodoviária e do presídio da cidade de Lajeado.

¹¹ A escola da aldeia já existe de acordo com o DECRETO Nº 49.646, DE 1º DE OUTUBRO DE 2012 (em anexo), porém o funcionamento dela não ocorre de forma efetiva e regular.



Figura 2 - Localização do Acampamento dos Kaingang em Lajeado-RS.
Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, acesso em: 12/06/2015.

Porém, as condições de vida ali eram precárias, o espaço era diminuto e os adultos e as crianças, principalmente, estavam expostos a perigos, devido ao grande fluxo de veículos da rodovia. Conforme Lappe e Laroque:

As negociações para a instalação da área indígena iniciaram em agosto de 2005. As casas, segundo a Procuradoria Estadual da República/Lajeado, devem oferecer uma estrutura mínima com água e luz, onde os indígenas possam morar durante os períodos em que estiverem na cidade para vender seus produtos, obtendo a renda necessária à sua manutenção. (LAPPE; LAROQUE, 2013, p.18)

Os kaingang expressaram às autoridades envolvidas na negociação o desejo de continuar próximo a RS 130, para facilitar a comercialização de seus artesanatos. Foi assim então, que os kaingang instalaram-se na Terra Indígena Foxá, localizada no bairro Jardim do Cedro, em Lajeado. Para eles foi muito importante fazer essa mudança, pois o aldeamento iria para um lugar mais tranquilo, que não apresentasse tantos perigos às crianças e também por ter juntamente ao terreno uma pequena área de mata, importante para sua sustentabilidade, onde podem ser apanhadas frutas e materiais para a confecção de seus artesanatos, como cipó e

taquara. A mata também tem uma grande importância espiritual para a vida Kaingang.



Figura 3– Imagem satélite da Aldeia Foxá.
Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, acesso em: 12/06/2015.

O atual cacique Gregório relata que foram destinados pela Prefeitura Municipal de Lajeado, 525m² para a instalação da aldeia Foxá e nela residem hoje 20 famílias, compostas de homens, mulheres, crianças e adolescentes em idade escolar. Além de comercializar seus artesanatos, muitos componentes destas famílias saem para trabalhar em duas empresas alimentícias, que estão próximas à aldeia. Hoje, cerca de quinze pessoas trabalham fora da TI e, de acordo com o cacique, virão mais duas famílias de Chapecó, Santa Catarina para se instalar na aldeia Foxá, pois são acostumados a viver em grandes centros urbanos e trabalhar em empresas. Como o espaço tornou-se pequeno para essas pessoas, a Terra Indígena foi se expandindo, ocupando os terrenos vizinhos que são também de propriedade da Prefeitura de Lajeado. No trecho que segue, extraído do meu Diário de Campo, relato como foi a primeira visita que fiz a Aldeia Foxá.

Hoje foi minha primeira visita à aldeia Foxá. No trilho de terra fui caminhando, um pouco tensa pois o silêncio tomava conta, só se ouvia os ruídos que o vento fazia com as folhas. Fui recepcionada por galinhas e cães, que corriam de um lado para o outro. Logo avistei duas crianças que aparentavam ter cinco ou seis anos, sentadas em um carrinho de bebê quebrado, conversando e empurrando uma a outra. Me aproximei e perguntei a elas onde podia encontrar o cacique. Me apontaram a casa do cacique e disseram: "espera, vou chamar pra ti" e foram correndo chama-lo. Enquanto esperava, presenciei uma cena, para mim inusitada: um menino (aparentando 10 anos) saiu do banheiro que localizava-se no lado de fora da casa, com uma toalha enrolada na cintura e torcendo uma bermuda, foi até um tronco de árvore e batia aquela bermuda (acredito que era para tirar o excesso de água), foi até o varal e a estendeu. Logo depois a esposa do Cacique me recepcionou, dizendo que o cacique foi ao centro da cidade e me deu seu telefone, pedindo que retornasse no final da tarde, que ele já estaria em casa e ela pediria que ele me esperasse. (Diário de Campo 07/03/2015)



Figura 4 – Imagem da Aldeia Foxá, localizada em Lajeado-RS. Fonte: Registro de Knecht (2015).

Fiquei surpresa com a recepção, afinal nenhum deles havia me visto em outra ocasião e a forma educada e receptiva que me atenderam não é comum para mim. Esperava que ficassem desconfiados com minha presença e fui surpreendida com acolhimento das crianças e da esposa do Cacique.

Estudando a temática indígena, aparecem frequentemente explicações de que são povos que, em seu modo de vida, mostram abertura para o outro, para acolher o diferente. Na literatura antropológica e em muitas etnografias sobre os povos Kaingang e Guarani, aparecem relatos de delicadeza, de respeito com as pessoas que acolhem.

Como combinado retornei à aldeia no final da tarde. Novamente perguntei às crianças que ali brincavam se o Cacique estava, e então me levaram até ele, no local que comercializam os artesanatos, na beira da RS 130, como mostra abaixo. Chegando lá ele me recepcionou e conversamos, conforme relatado anteriormente, na página 14 desse trabalho.



Figura 5 – Entrada da Aldeia Foxá, local de venda dos artesanatos, na beira da RS 130.
Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, acesso em: 12/06/2015

4.2 A escola que escolhemos?

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Bandeira, instituição de ensino que as crianças indígenas da Terra Indígena Foxá frequentam, está localizada no bairro Florestal, fazendo divisa com os bairros Americano, Montanha e

São Cristovão, na cidade de Lajeado, RS. Ela atende 176 alunos da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. As famílias das crianças que frequentam a escola são de classe média e moram nos bairros próximos e alguns que residem longe, mas que os pais trabalham nas redondezas da instituição.



Figura 6 - Fachada da Escola Manoel Bandeira, localizada em Lajeado-RS.

Fonte: Registro de Knecht (2015).

Diferente do estereótipo de uma escola pública que figura na grande mídia e que em grande parte se apresenta de fato, com seus prédios deteriorados pelo tempo ou pela falta de manutenção, a escola Manoel Bandeira surpreende. É um lugar aconchegante, o pátio é arborizado, com muitas árvores frutíferas, pés de ameixa, mamão, laranja e manga, todo rodeado por gramados. Em cada cantinho há uma florzinha enfeitando e perfumando o ambiente. Os alunos brincam nos gramados, penduram-se nas árvores e plantam na horta, cultivando alimentos que irão complementar sua merenda escolar.



Figura 7 - Praça da Escola. Fonte: Registro de Knecht (2015).



Figura 8 - Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).

Na hora do intervalo os alunos possuem vários lugares de socialização: embaixo das árvores possuem bancos para que sentem nesses lugares. Em geral, os alunos se encontram durante o recreio, conversam e brincam, sentam nesses bancos espalhados por muitos outros locais no pátio da escola. Os alunos não-

indígenas e os indígenas brincam todos juntos durante o recreio e percebi que a brincadeira que mais gostam é pega-pega. As turmas se misturam durante o recreio.



Figura 9 - Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).



Figura 10 - Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).

A merenda é oferecida no refeitório e os alunos podem se servir à vontade. Porém, logo que chegam ao refeitório a professora os lembra de que devem pegar apenas o que vão comer, para não desperdiçar comida. Alguns dos alimentos oferecidos são colhidos na horta da escola, presenciei o momento em que o lanche foi o mamão colhido no pé que está no pátio da escola.



Figura 11 - Pátio da Escola Manoel Bandeira. Fonte: Registro Knecht (2015).

Trago um excerto do Diário de Campo contando sobre a hora do lanche.

Hoje acompanhei novamente a turma até o refeitório, na hora lanche foi oferecido aos alunos frutas (mamão, maçã e banana), cuca, pão com manteiga e suco de uva. Logo que entraram no refeitório a professora os lembrou de que deveriam pegar aquilo que iriam comer, todos os alunos pegaram algum lanche. Me chamou atenção o fato das crianças kaingang darem preferência às frutas. Diferente dos alunos não-indígenas, pegaram várias porções das frutas, pois tudo é oferecido a eles livremente, não é delimitada uma porção para cada um, eles comem à vontade e servem-se sozinhos. Os alunos me contaram que o mamão que estavam comendo é o que eles têm na escola. (Diário de Campo 10/04/2015)



Figura 12 - Pé de mamão da Escola da Escola Manoel Bandeira.
Fonte: Registro Knecht (2015).

Atualmente estudam na escola 20 alunos Kaingang nos turnos da manhã e tarde, que se estão organizados da seguinte maneira:

- 1º ano = um aluno;
- 3º ano = três alunos;
- 4º ano = um aluno;
- 5º ano = três alunos;
- 6º ano = cinco alunos;
- 7º ano = quatro alunos;
- 8º ano = um aluno;
- 9º ano = dois alunos.

Como o tempo disponível para a Pesquisa de Campo é muito limitado na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso em apenas um semestre, elegi as turmas do 3º e 5º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para acompanhar.

A turma do 3º ano é composta por dezesseis alunos, destes, três são kaingang: duas meninas e um menino. Já a turma do 5º ano possui dezenove alunos, sendo três Kaingang: duas meninas e um menino.

4.3 Crianças x escola – esboçando análises

As crianças Kaingang passaram a frequentar a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manoel Bandeira no ano de 2001, quando estavam, juntamente com suas famílias, acampadas a margem da RS130, próximo à estação rodoviária e ao presídio de Lajeado, que estão localizados no mesmo bairro da escola, no Bairro Florestal. Como mostra a Imagem 02, na página 21.

De acordo com o depoimento de uma professora da Escola Manoel Bandeira, que consta em Gonçalves (2011), na época que estavam no acampamento, as crianças Kaingang brincavam-na praça que há em frente à escola. Por ser em horário escolar, as professoras ficaram atentas, pois tinham conhecimento de que eram crianças oriundas do acampamento indígena. Foram até lá conversar com as lideranças, que receberam e apoiaram a ideia de que as crianças frequentassem a escola. Aos poucos elas foram sendo matriculadas informalmente. A inserção das crianças Kaingang na escola Manoel Bandeira foi um forte motivo para consolidar a permanência deles na cidade de Lajeado.

As interações que aconteceram nesses quatorze anos fizeram com que as crianças e adolescentes Kaingang que hoje estudam ali, criassem um vínculo significativo com a escola. Abaixo, cito um trecho de meu Diário de Campo (24/04/2015) para ilustrar um momento que presenciei na escola Manoel Bandeira e que evidencia esse vínculo.

Como está sendo comemorada a 'Semana do Índio' na escola, os alunos trouxeram vários artesanatos do povo Kaingang para mostrar aos colegas e expor pela escola. Como hoje é sexta-feira a Professora da turma que eu acompanhava (5º ano), recolheu os artesanatos para devolvê-los às crianças. Antes da profe entregar os Filtros dos Sonhos trazido por um dos alunos da turma, perguntou se foi ele que o tinha feito. O aluno respondeu que sim, que ele tinha confeccionado todos àqueles que ali estavam (eram 5 ou 6). Então a professora contou que quando foi profe

de seu irmão mais velho, ele havia lhe dado um filtro dos sonhos de presente e que ela o conservava em seu quarto. Os colegas começaram a questionar para que servia o filtro dos sonhos e a docente respondeu que o irmão havia explicado pra ela, que era para ter bons sonhos, não ter pesadelos e o aluno indígena concordou, sorriu timidamente. A profe ainda finalizou a conversa dizendo: "Funciona mesmo, eu não tiro o meu do quarto"

Percebi que nas interações entre as crianças Kaingang e as crianças *fog* ocorrem todos os acontecimentos que permeiam as relações de crianças na escola: brincavam, se empurravam, brigavam, se abraçavam. Vejo que não há discriminações entre eles e pude presenciar diversas cenas que ilustram isso, como as que descrevo em meu Diário de Campo:

Uma das meninas Kaingang do 3º ano, senta com a classe encostada na janela de vidro, no único lugar que tem vista para o pátio da escola. Em vários momentos da aula ela fica olhando para as árvores, ou para os colegas que ali passam. Um de seus colegas pediu para a professora para ir ao banheiro, logo após a menina Kaingang foi até a professora e cochichou com ela. Quando o colega retornou para a sala, a professora perguntou a ele o que ele havia feito para a menina, ele disse que nada e ela pediu à menina que contasse para os colegas a atitude dele. Antes que a menina contasse, ele correu até ela e se desculpou. A professora encerrou o assunto e pediu que ele sentasse.

No intervalo a professora me contou que o menino havia mostrado a língua e o dedo para a menina. (Diário de Campo 10/04/2015)

*

Hoje na Hora do Brinquedo tive a oportunidade de presenciar uma das cenas mais encantadora das relações entre crianças: a sinceridade e a humildade. Todos os meninos da turma brincavam de pega-pega, com exceção do único menino Kaingang da turma, ele ficou parado observando os outros correrem por todo lado. Ficou ali por muito tempo, sorrindo com a brincadeira dos colegas. De repente, sem dizer nada, um dos colegas veio na direção dele, olhou em seus olhos, sorrindo e encostou nele, dizendo: - Te peguei. E assim da forma mais simples e sem usar palavras, apenas agindo, o menino o incluiu na brincadeira. Corriam e riam muito. Um dos garotos da turma falou: - Ele é muito bom, o melhor "corredor", ninguém consegue pegar ele! Referindo-se ao menino Kaingang. (Diário de Campo 08/05/2015)

Diante de algumas situações, percebo que o entendimento que as professoras possuem acerca da cultura dos seus alunos Kaingang é restrito, ao mesmo tempo que praticam uma abordagem adequada. Observo que, em suas falas, transparece uma certa falta de conhecimento acerca da história e cultura dos Povos Indígenas, bastante comum nas escolas, visto a escassa formação dos professores neste tema. Por outro lado, igualmente observo atividades bem encaminhadas e posturas de valorização. A seguir, descrevo em meu Diário de Campo algumas cenas que mostram esse fato:

Como está sendo comemorada a 'Semana do Índio'¹² na escola a docente da turma que acompanhei levou o filme: Tainá - uma aventura na Amazônia, para explorar a temática indígena com os alunos. Antes de iniciar o filme ela fez uma introdução falando sobre a palavra DESCOBRIMENTO, explicando aos alunos por que não é adequado usar tal palavra para falar da chegada dos Portugueses ao Brasil, pediu que os alunos observassem os costumes do Povo que aparecia no filme. Fiquei entusiasmada com a aula da professora e percebi a curiosidade dos alunos enquanto ela argumentava sobre o assunto. Enquanto os alunos assistiam o filme, a professora conversou comigo sobre os alunos Kaingang, uma de suas falas foi que: apenas as pessoas de uma família da Aldeia Foxá são "verdadeiramente índios", os outros não. E algo que também chamou-me atenção. Ela explicou-me que na aldeia eles se dividem em duas partes, uma é dessa família dos "verdadeiramente índios" e que a outra é a do atual cacique. (Diário de Campo 24/04/2015)

A partir desse fragmento do Diário de Campo é possível perceber que a professora desconhece a organização dual do Povo Kaingang, a partir do qual a comunidade se divide em dois principais grupos clânicos. De acordo com Rosa:

[...] estes se dividem em metades denominadas kamé e kanhru. Além de homens e mulheres, as pessoas mais idosas responsáveis pela transmissão dos saberes, repartem os animais, as plantas, os minerais, os seres celestes de acordo com a orientação desse sistema dualista [...] Em termos ideias, tanto kamé quanto kanhru são obrigados a se casarem com alguém da metade oposta. (ROSA, 2008, p. 48-49)

¹² Coloquei esse termo entre aspas, pois é a forma que a escola se referia ao evento, como não acho adequado usar tal expressão, destaco dessa forma.

Seria interessante que os alunos, ou alguma liderança Kaingang tivessem a oportunidade de expor esse tipo de conhecimento em algum momento, assim diminuiriam essas incompreensões. Porém há uma distância entre a escola/aldeia e professores/aldeia. Perguntei às professoras regentes das turmas que acompanhei se elas conheciam a Aldeia Foxá e elas relataram que não.

Trago outro excerto de meu Diário de Campo para demonstrar a visão estereotipada que algumas docentes possuem em relação às crianças Kaingang:

Na sala dos professores as docentes' me indagaram sobre o andamento do meu trabalho e começaram a fazer comentários sobre os alunos Kaingang, falando principalmente de um dos alunos, que é nomeado como indisciplinado. Algumas falas foram:

- Até os índios estão assim agora, até eles estão incomodando.*
- "Quando eles ficavam acampados aqui perto, eram bem relaxadinhos, mas não incomodavam, ficavam quietinhos e não eram respondão".*

Nas falas das professoras percebe-se a idealização em relação aos indígenas, ignorando a fase que eles estão e que eles são crianças que manifestam suas emoções; ou o preconceito, denominando-os de sujinhos e sem compreender as formas diferentes do viver. Na segunda fala pode-se inferir um empoderamento das pessoas Kaingang que antes viviam acampados, embaixo de lonas e que agora estão em seu território, vivendo em melhores condições.

Durante uma aula em que os alunos produziam um presente para o Dia das Mães, a professora me relatou que estava realizando provas com os alunos, de todas as matérias: Matemática, Português, Ciências e Estudos Sociais. Anotei em meu Diário de Campo minhas impressões:

A professora mostrou-me as provas dos três alunos Kaingang da turma, um dos alunos possui algumas dificuldades relacionadas à escrita, assim como outros da turma. Já as outras duas meninas destacaram-se muito, em todas as provas elas foram as que tiveram o melhor desempenho na turma. Porém enquanto me mostrava as produções apenas evidenciava o aluno com dificuldades, dizendo que os alunos indígenas eram "bons em trabalhos manuais".

Mesmo que não tenha sido a intenção da professora enaltecer os trabalhos feitos pelas crianças kaingang, pude observar, belas produções que mostram, o bom desempenho dos alunos Kaingang. As produções textuais das crianças eram lindas

e bem desenvolvidas, apresentavam elementos de suas vivências na aldeia, como os animais e as plantas.

Mesmo não sendo meu foco de análise, não posso deixar de mencionar um movimento que observei: a intenção manifestada por pessoas da escola Manoel Bandeira, de que os alunos Kaingang passem a frequentar outra escola. Referem como motivo que seja uma escola localizada mais próxima à aldeia, e sinalizam duas opções. Uma delas é a escola municipal localizada no Jardim do Cedro e outra que, segundo a declaração de algumas professoras “é da classe social deles, de baixa renda” e também se situa mais próxima à aldeia.

Uma das instituições de ensino referidas na escola Manoel Bandeira é a Escola Estadual de Ensino Médio, localizada no bairro Santo Antônio e está situada em um território de vulnerabilidade social, e com envolvimento no tráfico de drogas. Em uma conversa com o Cacique, ficou evidente a preocupação que ele tem com o envolvimento das crianças e adolescentes da aldeia com bairro que se encontra ao lado da aldeia e onde se situa a escola indicada para uma possível transferência dos estudantes Kaingang. Contou-me que incentiva festas na aldeia para que os jovens fiquem e não saiam para outros lugares da cidade, principalmente nestes que oferecem situações de perigo e violência.

As lideranças e os alunos manifestam que a escola Manoel Bandeira que hoje estudam não é a mais apropriada ou almejada por eles¹³, porém é a que no momento proporciona segurança e qualidade de ensino. Nota-se que eles possuem um laço afetivo com a escola, pois durante as aulas que acompanhei alguns alunos e professores se referiam a acontecimentos passados, que ocorreram quando algum familiar (prima/o, irmã/ão, tia/o, pai/mãe, etc...) frequentavam a escola.

¹³ A situação almejada e mais adequada seria ter uma escola indígena dentro da aldeia, conforme orientações legais. Segundo informações do Cacique, já há a autorização para uma escola indígena específica e diferenciada na Aldeia Foxá e em algumas épocas já funcionou.

CONSIDERAÇÕES

Após o convívio com as crianças Kaingang na Escola Manoel Bandeira, construí algumas respostas para minha pergunta principal: **Como é a vivência de crianças Kaingang em uma escola não indígena da rede estadual da cidade de Lajeado, RS?** Os dados me mostraram que as crianças indígenas e não-indígenas têm uma convivência de aceitação, pois compartilham de momentos apropriados a suas idades, valendo-se de brincadeiras, conversas e, principalmente, de um ambiente favorecedor a essas relações.

Quando me propus a conhecer quem são as crianças indígenas que frequentavam aquela escola, quais os pontos de encontro e quais as diferenças que apareciam na convivência entre as crianças indígenas e não-indígenas, como as crianças indígenas percebiam e vivenciam essa escola, como é o cotidiano das crianças na escola, imaginava que as crianças Kaingang interagiam apenas entre si. Porém, fui surpreendida com relações de amizade, respeito e carinho entre os estudantes indígenas e não-indígenas.

Percebi que as lideranças e famílias da Aldeia querem uma escola indígena na comunidade, que entenda e respeite seus processos próprios de aprendizagem, porém enquanto não a possuem, sinalizam que a Escola Manoel Bandeira é a instituição que desejam para suas crianças.

No entanto, percebo que poderia ter mais diálogo e trocas entre a escola (direção e docentes) e as lideranças e demais moradores da aldeia, para tentar estabelecer uma relação mais respeitosa e compreensiva em relação às diferenças culturais, desmistificando, assim, alguns estereótipos que cercam a cultura indígena. Para que aconteça esse movimento de aproximação e trocas efetivas entre diferentes culturas, precisamos lançar mão de algumas certezas e nos abrir a novas experiências, escutando o que eles têm a nos dizer.

Logo no início das observações não consegui estabelecer diálogos com as crianças indígenas, porém com o passar do tempo e minha convivência na aldeia e na escola essa relação foi se constituindo naturalmente. Sempre me preocupei em não invadir seus espaços, fazendo perguntas ou intervenções hostis e essa postura me proporcionou uma aproximação muito agradável. Uso um trecho de meu Diário de Campo para mostrar como foi essa aceitação.

Hoje, logo que cheguei a escola, me sentei em um muro para aguardar o início da aula. Foi então que uma menina Kaingang se aproximou e me disse: "Hoje tu vais passar a tarde com a gente? Tu ficas na hora do brinquedo também? " Respondi que sim, ela me deu um abraço e saiu correndo para a sala.

Assim fui me envolvendo com aquelas crianças e ao terminar essa etapa, entendo que as questões que me moveram a esse estudo não se esgotaram. Acredito que fatos e cenas descritas me propiciaram muitas aprendizagens, porém podem provocar novas ou diferentes reflexões a serem exploradas, como por exemplo um estudo das produções escritas das crianças Kaingang.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolares indígenas e não indígenas. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (orgs.). **Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 43-72.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **NHEMBO'E! Enquanto o encanto permanece!** Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 274 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS, Porto Alegre, 2005.

BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.). **Povos indígenas e educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 95-107.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 17 junho de 2015.

DICKEL, Kátia Simone Müller. **Experiência Interculturais:** Estudantes kaingang numa escola não-indígena. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS, Porto Alegre, 2005.

FERREIRA, Bruno. **Políticas Públicas para uma educação escolar indígena diferenciada**. São Leopoldo: Oikos. 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro. 1993, p. 153.

GODOY, Arilda Schimidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 35, p. 20-29, maio/junho. 1995.

GONÇALVES, Lylian Mares Cândido. **Crianças Indígenas Kaingang em Escola não-indígena:** Um estudo de caso envolvendo a Escola Estadual de Ensino Fundamental Manuel Bandeira, em Lajeado/RS. Monografia apresentada ao Curso de Pós –Graduação do Centro Universitário Univates, Lajeado, 2011.

LAPPE, Emeli; LAROQUE, Luis Fernando da Silva. Um estudo sobre Indígenas Kaingang em Áreas Urbanas no Rio Grande do Sul. **Revista História e História**, 2013. Disponível em: <http://historiaehistoria.com.br> Acesso em: 06 junho de 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1988.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessia**, Santa Catarina, 2009.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves. Uma ponte pênsil sobre o oceano: a contribuição do pensamento mitológico kaingang no Rio Grande do Sul. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.) **Povos Indígenas e Educação**, Porto Alegre: Mediação, 2008, p.45-59.

SALES, Daniela Franciela. Educação Kaingang: uma pedagogia diferenciada. In: BENVENUTI, Juçara; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MARQUES, Tânia Beatriz Iwasko (orgs.) **Educação Indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013, p.144-151.

SILVA, Sérgio Baptista. Contato Interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no Rio Grande do Sul. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.) **Povos Indígenas e Educação**, Porto Alegre: Mediação, 2008, p.29-43.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sua comunidade está sendo convidada para participar na pesquisa VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UMA ESCOLA NÃO INDÍGENA DA REDE ESTADUAL. Após ser esclarecido e no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UMA ESCOLA NÃO INDÍGENA DA REDE ESTADUAL.

Pesquisadoras Responsáveis: Professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi e Mariana Lima Knecht (acadêmica do curso de Pedagogia UFRGS)

Contato: Fones [REDACTED]

O objetivo desta pesquisa é acompanhar, registrar e compreender as interações entre as crianças indígenas e não indígenas, nos primeiros anos de ensino fundamental de uma escola pública estadual, identificando como as crianças Kaingang vivenciam e significam a escola no seu cotidiano, descrevendo o povo Kaingang da Terra Indígena Foxá (Lajeado, RS).

- ◆ A atividade de pesquisa consiste em observações, posteriormente registradas no diário de campo, sobre as interações entre as crianças indígenas e não indígenas.
- ◆ Os nomes verdadeiros das pessoas e dos lugares não serão divulgados. As informações registradas nos diários de campo comporão textos e serão publicados para divulgar os saberes e conhecimentos indígenas.
- ◆ A divulgação propiciada pela pesquisa visa contribuir para mostrar a vida e os modos de vida dos povos indígenas, afirmando sua educação e sua cultura.

Poró Alegre, maio de 2015.

Assinatura das pesquisadoras responsáveis.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. Me foi dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones e email para entrar em contato, caso tenha dúvidas. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem penalidades. Recebi uma cópia deste documento.

Poró Alegre, maio de 2015.

Assinatura do participante da pesquisa

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS

Autorização do uso de imagem da Escola Estadual Manuel Bandeira

Autorizo Mariana Lima Knecht a usar em sua pesquisa as fotografias produzidas por ela em 2015.

Assinatura: _____

Assinatura da responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.

Autorização do uso de imagem da Aldeia Foxá/Lajeado-RS

Autorizo Mariana Lima Knecht a usar em sua pesquisa as fotografias produzidas por ela em 2015.

Assinatura: _____

Assinatura da responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre, _____ de _____ de 2015.



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Av. Paulo Gama, s/n CEP 90046-900 PORTO ALEGRE-RS FONE: 3308-4153 FAX:
3308-3985 E-mail: faculdade.educacao@ufrgs.br

Ilma Sra. Diretora
Escola Estadual Manuel Bandeira
Lajeado, RS

Venho, por meio deste documento, apresentar a aluna Mariana Lima Knecht, acadêmica do curso de Pedagogia da UFRGS, que está, neste semestre, realizando seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob minha orientação.

O trabalho de pesquisa que a aluna almeja realizar, diz respeito a convivência de estudantes indígenas e estudantes não indígena no cotidiano da escola: como ocorre esta relação de convivência, considerando as diferenças culturais de dois grupos de crianças que estudam nos anos iniciais do ensino fundamental?

Caso houver concordância da escola, Mariana Lima Knecht fará observações e alguns registros de situações escolares como: recreio, aulas de educação física ou outros momentos, inclusive considerando as indicações da própria escola. Convém ressaltar que a comunidade kaingang, de onde são originários os estudantes indígenas, já acolheu a pesquisa e deu seu aceite.

Reiteramos que os procedimentos encaminhados e orientados por mim serão realizados respeitando a ética da pesquisa, bem como as orientações da escola que terá acesso ao projeto de pesquisa na primeira quinzena de abril. Portanto, o trabalho será compartilhado antes e depois de sua publicação no site da Universidade (Lume), sempre em consonância com a escola, com a autorização das crianças e de seus responsáveis e da Terra Indígena Foxá e de suas lideranças.

Porto Alegre, 26 de março de 2015.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

ANEXOS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa

DECRETO Nº 49.646, DE 1º DE OUTUBRO DE 2012.
(publicado no DOE n.º 190, de 02 de outubro de 2012)

Cria e denomina estabelecimento de ensino no
Município de Lajeado.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe confere o art. 82, incisos V e VII, da Constituição do Estado, e nos termos do Parecer nº 665, de 20 de agosto de 2012, do Conselho Estadual de Educação,

D E C R E T A:

Art. 1º Fica criada e denominada Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Gatên, na Aldeia Kaingang Foxá, situada à Rodovia RS 130, no Município de Lajeado.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 1º de outubro de 2012.

FIM DO DOCUMENTO